

# Ana Loura, Técnica de Telecomunicações Aeronáuticas, de Santa Maria

## O relato de uma doente que sobreviveu ao novo coronavírus

*Ana Maria Nogueira Santos Loura, Técnica de Telecomunicações Aeronáuticas na ilha de Santa Maria, conhecida activista, considerada “mulher da guerra”, envolvida em várias causas sociais e culturais na ilha de Santa Maria, foi apanhada nas malhas do coronavírus. O Diário dos Açores desafiou-a a contar a sua experiência e, com a coragem e desassombro habituais no carácter de Ana Loura, deixou-nos esta mensagem.*

“Vim dos Açores no dia 17 de Fevereiro, para estar presente no Correntes D’Escritas (de 19 a 22), e depois substituir a senhora que presta serviço em casa da nossa Mãe para que gozasse as férias. Sofro de rinite alérgica e já estava em plena crise com bastante tosse. Estive debilitada durante todo o acontecimento. Convivi com amigos que só vejo nesses dias, pessoas que, como eu, não perdem o Correntes, e com os escritores de quem sou amiga há anos e os que fui conhecendo lá ao longo das edições a que assisti. O Correntes é, para além da importância que tem em termos literários, um encontro de amigos.

A minha saúde piorou substancialmente a partir do dia 24 de Fevereiro. Febre como há muitos anos não me lembro de a ter, dores no corpo, falta de forças, uma tosse que me abalava, falta de ar. Era um enorme sacrifício cuidar da minha Mãe como eu gostava e como ela merece. Fui tomando uns Brufens, o Maxilase, a bromalina, a quercitina, cisteína e mais de um xarope que havia cá em casa. As noites eram de pesadelo, 40º de temperatura, os lençóis alagados, as forças a falharem. Mas na esperança de que os medicamentos me aliviassem. Eu não podia adoecer.

No dia 28 respirava cada vez pior. Os pulmões não queriam, a expectoração era esverdeada, pastosa, e só depois de muito tossir expelia do tamanho de uma moeda de 2 cêntimos. O resto ficava lá dentro a impedir os pulmões de expandirem. Era a asfixia. No final do dia, quando a senhora que apoia a nossa Mãe à noite chegou, fui à Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde. Tinha a garganta já com pontos brancos. Fui auscultada e o médico disse que não estava mal a nível pulmonar, era mais a nível brônquico. Vim com uma receita de: Bilastina, Azitromicina, Erdosteína Etodolac e Prednisolona. Fiz o tratamento durante os seis dias recomendados e os sintomas não diminuam. As forças cada vez eram menos e a falta de ar era muita.

Entretanto, saiu a notícia de que Luís Sepúlveda estava infectado pelo Coronavírus. Não estive em contacto directo com ele. Mas o facto fez-me pensar que eu estar infectada seria uma possibilidade já que os sintomas coincidiam com o que era dito pela Comunicação Social e as autoridades nacionais de Saúde. No dia 01 de Março liguei para a Saúde 24. Após minutos “infinitos” de espera, fui atendida pela primeira de três pessoas a quem expliquei



pormenorizadamente os sintomas, que tinha estado no Correntes embora sem contacto directo com Luís Sepúlveda. Passou a chamada a uma segunda pessoa a quem tive de repetir tudo. Esta segunda pessoa passou-me a uma terceira a quem voltei a contar tudo. Informou-me que seria contactada pelo Delegado de Saúde. Esperei, esperei... Até ao dia 03 de Março, quando já desesperada voltei a ligar e voltei a ser atendida por mais três pessoas, a quem voltei a contar tudo e que me prometeram, mais uma vez, que seria contactada pelo Delegado de Saúde. Fui de facto contactada pelo Delegado de Saúde à terceira tentativa, feita no dia 05 de Março. O senhor Delegado, a quem contei pela décima vez o historial todo, disse que me ligaria dentro de momentos, o que cumpriu. Disse-me que, não tendo tido contacto directo com o escritor, o meu caso “não se enquadrava” no vírus. Insisti nos sintomas que, apesar do tratamento que estava a fazer há 6 dias, não diminuam e muito menos desapareciam. O senhor insistiu que o meu caso “não se enquadrava” e que voltasse a uma consulta onde já tinha ido ou recorresse ao Hospital da Póvoa de Varzim, recomendando que não mencionasse o facto de ter estado no Correntes para não atrasar o processo da consulta pois, e mais uma vez, a minha doença “não se enquadrava” no Corona. Este “não se enquadrar” foi reafirmado pelo mesmo senhor Delegado no dia 13 quando lhe comuniquei que estava internada no São João, positiva: “Na altura a sua situação não cumpria os critérios então definidos para validação e que foram entretanto alterados”.

Nesse dia 05 de Março, ao fim da tarde, voltei ao Atendimento Permanente da Santa Casa de Vila do Conde. A médica que me viu pediu análise ao sangue. Eu tinha a garganta e o céu-da-boca cheio de pústulas. Foi-me feito também um RX aos pulmões. A médica achou por bem pôr a situação à consideração de uma colega de Medicina Interna. Não o tendo conseguido, disse-me que no dia seguinte eu seria contactada, o que aconteceu no dia 06, e me foi pedida nova ida ao Atendimento Permanente. O médico que me atendeu, o mesmo da primeira consulta, disse que após conversa com a colega da Medicina Interna tinham concluído que me deveria ser realizado uma TAC. Após análise do exame, foi-me prescrito novo tratamento: Levofloxacina, 500mg, Levofloxacina 250mg (para serem tomados em simultâneo); Paracetamol 1000mg; Etodolac 400mg; Pantoprazol 20mg; Duobiotic.

Adie, nesse dia, o meu voo de regresso a casa. Não me sentia em condições para viajar e nessa altura já temia estar de facto infectada e não seria sensato o contacto com mais pessoas.

Os sintomas não diminuíram com este novo tratamento. Eu arrastava-me, ardia em febre, mal respirava. Entretanto, a senhora que presta serviço em casa da minha Mãe regressou no dia 07 a meu pedido, e eu pude ficar na cama que era o que o meu corpo há muitos dias pedia.

No dia 11 pelas 10:15 da manhã voltei ao Atendimento Permanente, de táxi, como já me tinha deslocado das duas últimas vezes. Fui atendida pela mesma médica do dia 05. Olhou para a TAC e de imediato me encaminhou para uma salinha onde fiquei em isolamento, e ela acompanhou-me já vestida de cima a baixo com os fatos que vemos nas reportagens. Desencadeou o processo, e cerca das 05h20 da madrugada do dia 12 fui de ambulância para o Hospital de São João “com a roupa do corpo” e num estado físico nunca sentido antes, o ânimo do pior possível. Eu estaria infectada. Falta o teste. A viagem foi tenebrosa. A máscara a tapar-me o nariz e a boca. A asfixia era cada vez maior. Eu não respirava. Tentava e não conseguia. A viagem foi um tormento.

Chegada ao Hospital, eu já não raciocinava e tudo, neste momento é nublado. Apenas recordo que fui metida num quarto por pessoas vestidas dos pés à cabeça como se fossem às colmeias buscar o mel. Pediram que trocasse a

minha roupa por uma daquelas batas com que ficamos meias nuas. Lembro que me enfiaram os cotonetes gigantes pelo nariz e pela boca. Puseram-me a oxigénio. No dia seguinte veio o veredicto: POSITIVO. Mudaram-me de quarto para a Infeciologia. Quarto de pressão negativa. Fiquei a oxigénio, mas este era diferente: húmido e morno. Um monitor 24 horas por dia ligado a dar os sinais vitais e o nível de oxigénio medido num dos dedos com uma “pinça”, o oxímetro. O monitor apitava quando o oxigénio descia para valores mínimos. De quando em vez, entravam enfermeiros no quarto para me verificarem os sinais vitais, medirem a pressão sanguínea, e tirarem sangue. O cateter na veia ficou durante 22 dos 23 dias de internamento, por onde injectavam o antibiótico. Tomei o tal comprimido para a malária. Primeiro inteiro, e depois só metade. Tiravam duas vezes por dia sangue das artérias dos pulsos para analisar os níveis de oxigénio no sangue arterial. Eu estava num limbo, quase sonâmbula.

Porque a minha Mãe fazia parte do grupo de risco devido aos seus quase 95 anos, foi de imediato desencadeado o processo de recolha dos mucos, o que aconteceu na madrugada do dia 13. O resultado foi comunicado à empregada dela no Domingo ao final da tarde. POSITIVO. Um dos momentos mais dramáticos da minha vida.

**EU TINHA INFECTADO A MINHA MÃE.**

Meu Deus! Chorei, gritei com as poucas forças que já tinha.

Valeu-me o apoio de uma médica, a Dra. Cândida. Acompanhou o processo e aconselhou que a minha Mãe não saísse de casa já que não apresentava sintomas e foi cancelada a sua entrada no Pedro Hispano. Estou-lhe eternamente grata.

Entretanto, um Delegado de Saúde, o Dr. António, acompanhou diariamente a situação da minha Mãe e da minha filha que tinha vindo de Lisboa para cuidar da Avó nas 24 horas do dia, mesmo correndo o risco de ser contagiada, já que as cuidadoras passaram à situação de quarentena. Seguiu à risca todas as indicações do Delegado de Saúde. A minha irmã Margarida disponibilizou as primeiras máscaras que a Ângela devia usar durante a viagem de comboio de Lisboa para o Porto. Amigas e duas primas “viraram o mundo do avesso” para lhe arranjamem máscaras, luvas e gel para as semanas que se seguiram.